

CULTURA, CORPO E GÊNERO: O DEBATE SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DA CULTURA CAMPONESA

Antoniél dos Santos Peixoto; Priscila Gomes Dornelles

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, <antoniél_edfisica@yahoo.com.br>, <prisciladornelles@gmail.com>

RESUMO

Este artigo faz parte da pesquisa “As práticas corporais da cultura camponesa no município de São Miguel das Matas/BA: formulações/reformulações e significados disputados”, vinculada ao Mestrado Profissional em educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Neste recorte, objetivamos debater sobre como as categorias corpo, gênero e cultura atravessam e constituem os discursos acionados pelos sujeitos do campo para descrever, significar e organizar as práticas corporais camponesas. Nestas amarras teóricas, posicionamos a cultura como trama de saber-poder que funciona para a constituição dos corpos. A pesquisa maior está em andamento, contudo, após aplicarmos questionários com lideranças de associações camponesas de São Miguel das Matas, apontamos que este ‘bate papo’ produziu posicionamentos contraditórios sobre a sociedade, bem como evidenciamos a força das diferenças biológicas na naturalização das diferenças e para explicação das hierarquias de gênero e a organização social.

Palavras-chave: Cultura, Corpo, Gênero.

INTRODUÇÃO

Como e quais as práticas corporais são acionadas e significadas pelos/as camponeses/as organizados/as como parte importante da cultura e dos processos de desenvolvimento do campo do Município de São Miguel das Matas, região do Vale do Jiquiriçá/BA? Este é o questionamento que põe em movimento a pesquisa de Mestrado já anunciada, objetivando investigar como e quais os significados atribuídos às práticas corporais da cultura camponesa do Município de São Miguel das Matas são considerados/as importantes pelos/pelas camponeses/as organizados/as na formulação/reformulação de sua cultura.

Portanto, este trabalho pretende apontar contribuições para o desenvolvimento dos/das camponeses/as, além de entender e expor as mudanças culturais que têm (re)constituído o contexto camponês de São Miguel das Matas. Sendo assim, cultura, corpo (práticas corporais), gênero e Educação do Campo configuram-se como as categorias principais da pesquisa maior. E neste artigo trataremos, especificamente, de uma reflexão teórica das categorias corpo, cultura e gênero.

ASPECTOS METODÓLOGICOS

Ao elucidar o porquê da escolha desta temática, estamos indicando “que esta pesquisa é interessada” (DORNELLES, 2007, p. 50). Ela “é também um exercício político, pois se imbrica nessa movimentação a tarefa de perguntar e tensionar continuamente a intencionalidade desta pesquisa e da sua produção/movimentação teórica, ou melhor, a quem servem” (DORNELLES,

2007, p. 52). Desta forma, refuta-se a ideia de neutralidade, de isonomia do/da pesquisador/a com o objeto, assim configurando o pesquisar Pós-Estruturalista.

Segundo o teórico Michael Peters (2000), reconhecido nas diversas áreas do conhecimento,

o pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofia e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para qualquer ideia de homogeneidade, singularidade ou unidade [...] É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica (PETERS, 2000, p. 28).

Isso não significa a negação do que já foi construído dentro das pesquisas críticas e estruturalistas, mas a produção uma epistemologia que imprime questionamentos, tensionamentos, buscando descrever outras formas de ver o objeto além da visão estrutural do pensamento crítico. Sandra Corazza (2002, p.111) afirma que “somente nessa condição de insatisfação com as significações e verdades vigentes é que ousamos torna-las pelo avesso, e nelas investigar e destacar outras redes de significados”. Mais adiante a autora complementa seu posicionamento, assegurando que “o que funciona é exercitar a suspeição sobre a própria formação histórica que nos constituiu e constitui, e interrogá-la sobre se tudo o que dizemos é tudo o que pode ser dito, bem como, se aquilo que vemos é tudo o que se pode ver” (CORAZZA, 2002, p. 119).

Portanto, “essas características configuram uma forma de pesquisar pós-estruturalista, na qual operamos com o conhecimento como parcial e provisório, como interessado e como situado”. (DORNELLES, 2007, p. 51). E dentre as estratégias do fazer metodológico que o objeto nos encaminha, uma das ações é a leitura e releitura dos “ditos e escritos” sobre nosso objeto, assim como, a leitura da teorização que escolhemos para realizar nossa investigação (PARAISO, 2012). Desta forma, aqui posicionamos e debatemos algumas produções sobre cultura, corpo e gênero, tensionando, questionando o status de naturalidade das diferenças físicas, sociais, culturais e de gênero atribuídas aos sujeitos, bem como, a análise inicial do questionário aplicado as lideranças das associações rurais.

CULTURA, CORPO, E GÊNERO: dialogando sobre as práticas corporais da cultura camponesa

O diálogo sobre as marcas culturais que constituem desigualdades sociais baseadas nas noções de corpo e gênero, é fundamental para o desenvolvimento deste estudo. Para tanto, aqui sinalizamos alguns pontos que pretendemos problematizar, debater, tensionar na constituição da

pesquisa. Sendo assim, compreendemos a cultura como um conjunto de códigos e de significados que os seres humanos utilizam para definir o que significa as coisas e para codificar, regular, organizar sua conduta um em relação aos outros (HALL, 1997a). Desta forma, posicionamos a cultura como categoria de análise, onde o corpo se constitui, se forma e se apresenta a partir das relações sociais, atribuindo sentidos e significados que dar forma/justifica/explica/produz e também é produto da cultura, e assim sendo, questionamos sobre os significados atribuídos as práticas corporais da cultura camponesa, como estas produzem os significantes e são significadas, numa constante relação de saber/poder e conhecimento.

Em busca de um entendimento ou/e até mesmo, expor os significados que aqui reconhecemos sobre o corpo, partiremos de uma fonte que se dedicam a dar definições sobre as coisas e que é talvez, a mais procurada para sanar as dúvidas. Estamos nos referindo ao dicionário. Segundo o minidicionário escolar da Língua Portuguesa, autoria de Dermeval Ribeiro Rios, corpo é “1. Tudo aquilo que tem extensão e forma. 2. A estrutura física do homem ou do animal” (RIOS, 2001, p. 195). Portanto, a definição deste, considera como corpo toda a parte física do ser humano ou/e do animal. Se optássemos por esta definição, nossa reflexão se limitaria apenas aos aspectos biológicos do corpo, tratando de sua funcionalidade, suas diferenças genéticas, físicas, os impactos das doenças das forças materiais e nos novos contornos do corpo.

Mas a opção que fazemos extrapola os limites físicos, vão além, não se trata de corpo no singular, aqui vamos nos reportar a corpos, pois

quando sua análise se orienta pela perspectiva cultural, não há a menor dúvida que se está falando de corpos que são observados nas suas especificidades e singularidades: corpos infantis, jovens, adultos, envelhecidos, brancos, não brancos, pobres, femininos, masculinos, obesos, anoréxicos, saudáveis, doentes, católicos, umbandistas, homossexuais, heterossexuais, com necessidades especiais, atléticos... enfim, corpos múltiplos, ambíguos, inconstantes e diferentes (GOELLNER, 2010, p. 74).

Sendo assim, este entendimento nos possibilita imprimir, discutir, levantar outros significados que transcendem as meras especificações científicas, a ciência é apenas uma das dimensões na compreensão/significação deste corpos, suas influências e justificativas que atribuídas num determinado tempo histórico contribuiu e contribui para uma nova tomada de compreensão e existência do corpos. “Em outras palavras, o corpo existe em seu invólucro imediato como em suas referências representativas: lógicas ‘subjetivas’, também elas variáveis com a cultura dos grupos e os momentos do tempo” (CORBIN et al, 2012, p. 09). A cultura torna-se a dimensão a ser

considerada para definir-se ou/e compreender o que é corpo, considerando que este assumiu e assumi sentidos e significados diferentes de acordo a cultura e ao tempo histórico. “Fases importantes porque esses controles corporais lentamente elaborados, mas bem depressa esquecidos, a ponto de parecerem naturais, contribuem por sua própria ‘incorporação’ para, ‘em compensação, modelar a sensibilidade” (CORBIN et al, 2012, p. 12).

Diante dessas questões como imaginar que o corpo existe independentemente da cultura na qual ele vive? Como acreditar que sua natureza, por si só, garante sua formação e desenvolvimento? (GOELLNER, 2010). Estes questionamentos nos impulsionam a suspeitar do sentido de naturalização atribuído às diferenças corporais como gênero, raça, força física, dentre outras. Segundo Vigarello (2003, p. 22), “inúmeras são as maneiras de se referir ao corpo e de habitá-lo; inúmeras são as maneiras de representá-lo e de lhe dar forma”. Estas inúmeras maneiras de se referir ao corpo, ao mesmo tempo, que para uns representa a heterogeneidade, para outros tantos, este é o ponto identificador da desigualdade efetivada em uma variedade de sentidos e significados que articulados atribuem valores sociais diferentes, posicionando uma determinada especificidade com status de superioridade a outras. Como exemplo, a valorização das práticas corporais urbanas em detrimento daquelas que se localizam no contexto rural, exaltando o urbano como moderno e o rural como atrasado. Portanto, a “diversidade dos territórios do corpo é abundante no seio de cada cultura e de cada época: a competência do ortopedista não é comparável à do artista, do mesmo modo que a prática do esportista não é a do mímico ou do ator” (VIGARELLO, 2003, p. 22).

Desta forma, refutamos o status de naturalização do corpo. “Com isso afirmo que o corpo é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar” (GOELLNER, 2010, p. 73). Este é o entendimento que utilizamos para analisar como as práticas corporais da cultura camponesa ‘ganham’ diferentes formas ao longo do tempo e do espaço. Assim como, os corpos se portavam em determinadas práticas e em diferentes culturas.

A nossa sociedade tem sido designada como sociedade das tecnologias, da globalização, tudo se modifica e se propaga muito rapidamente, graças a internet e os engenhosos aparelhos tecnológicas que dão vida, voz, aparência às coisas, assim como, exercem um papel educativo para os corpos. Segundo Goellner (2010, p. 73 e 74),

educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente, com recomendações, como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a

movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida. Educa-se o corpo também no esporte, no lazer e nos projetos sociais (GOELLNER, 2010, p. 73 e 74).

Podemos relacionar esta afirmação com as práticas corporais, como exemplo o futebol, onde os corpos são posicionados como forte, robustos, agressivo, habilidoso, rude, musculoso, dentre outros. Estas representações contrapõe-se a visão do corpo atribuído para as mulheres, os quais são posicionados como frágeis, dóceis, sensíveis, curvados e sensuais. Sendo assim, os significados culturais se colocam em oposição à participação da mulher no futebol e esse posicionamento é tão forte que atitudes de rejeição a esta prática continuam se propagando na sociedade.

Por isso que, ao intitular o capítulo, colocamos cultura, corpo e gênero como conceitos inter-relativos, pois compreendemos o corpo como uma construção cultural, que automaticamente intervém na cultura, que por sua vez tem sido questionada sobre o âmbito das construções nas relações de gênero. Segundo Hall (1997a, p.15),

os seres humanos são seres interpretativos instituidores de sentidos. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos variados sistemas de significado[...] Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias.

Partindo deste pensamento, é possível perceber como os códigos e significados atribuídos ao corpo foram constituindo as diferenças para justificar as superioridades, como por exemplo, a supremacia do homem sobre a mulher, da heterossexualidade como norma padrão, da cultura urbana como superior a rural, dentre outras tantas que pregam e institucionalizam desigualdades.

Nesta compreensão de cultura é fundamental que entendemos o papel da linguagem nesse processo de significação e de representação/interpretação da cultura, a “linguagem é o meio privilegiado através do qual ‘damos sentido’ às coisas, através do qual o significado é produzido e através do qual há seu intercâmbio” (HALL, 1997b, p. 01). Todos precisam partilhar da mesma linguagem para poder interpretar os sinais e símbolos “podendo ser sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais, até objetos - que significam ou representam para outras pessoas nossos conceitos, ideias e sentimentos” (HALL, 1997b, p. 01), e assim se constrói os significados através da linguagem, possibilitando o processo de significação. “Assim sendo, a cultura depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor, e ‘entendam’ o mundo de forma geral semelhante” (HALL, 1997b, p. 02).

Ao apontar a expressão ‘significados disputados’ estamos afirmando que a cultura é regulada, existe uma disputa, que no caso de que trata este estudo, nos aponta para o embate entre as práticas corporais vivenciadas, significadas, reproduzidas, representadas antigamente, com as práticas mais comumente presente na atualidade – redes sociais, jogos eletrônicos. - “No entanto, não é possível apontar em que momento específico ou/e onde a regulação é produzida, onde/e como os significados são representados, desta forma, apontamos para o que tem sido chamado de circuito da cultura” (du Gay, Hall et al., 1997, apud HALL, 1997b, p. 01). Este é composto pela – representação, identidade, produção, consumo, regulação – não existindo uma ordem que explique o processo de significação,

o circuito da cultura sugere que, na verdade, os significados são produzidos em diversos lugares e circula através de diversos processos ou práticas. [...] Em outras palavras, a questão do significado surge em relação a todas os diferentes momentos ou práticas de nosso “circuito da cultura” (HALL, 1997b, p. 03).

Sendo assim, quais regulações são produzidas frente as práticas corporais da cultura camponesa no município de São Miguel das Matas? Como elas são significadas? Como elas produzem desigualdades? Como elas são interpretadas? Questões que nos movem nesse fazer pesquisar.

Segundo Hall (1997b, p. 03), “o significado é o que nos dá um senso de nossa própria identidade, de quem somos e a quem ‘pertencemos’”. E é aqui que as partilhas de significados exercem potencial representativo, pois, a identidade corresponde aqueles que partilham dos mesmos códigos culturais, sendo assim, podem ser considerados pertencentes a mesma identidade cultural, bem como, aqueles que não partilham desses códigos e significados são classificados como diferentes. Segundo Silva (2000, p. 76), “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais”.

Desta forma, se entendemos que a cultura é uma construção social com base nos códigos e significados, podemos afirmar que se foi/é possível construir desigualdades, podemos, portanto, ressignificar as mesmas e assim alavancar uma cultura que respeite a diversidade, não comungando com os estereótipos pautados nas diferenças físicas, de linguagens, de jeito de se vestir de andar, de alimentar, da região que nasceu, dentre outras. No entanto, esta tarefa não é fácil, pois como afirmamos, estamos em uma constante luta de poder, na qual, o status de naturalidade dado ao corpo, e a algumas ações ou/e sentidos da vida, visam o encarceramento do mesmo, onde para

muitos o “corpo é ‘dado’ ao nascer; ele é um legado que carrega ‘naturalmente’ certas características, que traz uma determinada forma, que possui algumas ‘marcas’ distintivas” (LOURO, 2000, p. 61).

Este entendimento nos induz a afirmar que a cultura é um espaço político, um espaço de controle, de formação/conformação/confrontação de forças de poder que tem se utilizado dos discursos numa constante regulação da cultura. Para Hall (1997b, p. 05), os

discursos são formas de se referir ou construir o conhecimento acerca de um tópico particular da prática: o agrupamento (ou formação) de idéias, imagens e práticas, que propiciam formas de se falar, formas de conhecimento e conduta associadas a um tópico particular, a atividade social ou a localização social na sociedade.

Portanto,

não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma - política cultural (HALL. 1997b p. 04).

E nestes arranjos regulativos, destacamos as questões de gênero, para analisarmos como são constituídos os papéis e posições diferenciadas para homens e mulheres e a heterossexualidade como norma padrão. ‘Caixinhas’ nas quais as pessoas dentro destas regulações culturais devem ser ‘colocadas’, aqueles/as que fogem a estas normas são considerados desviantes, não existindo ‘caixinha’ que possa lhe acomodar. E nesse processo regulatório, aos homens é permitido o acesso ao espaço público, o status de superioridade, no caso camponês, este é considerado o grande mantenedor do lar, aquele que trabalha. Já as mulheres estão restritas aos trabalhos nos lares e cuidado com os/as filhos/as, e a ‘ajudar’ o marido nos afazeres da roça.

Esta é uma configuração que por muitos anos embasou a constituição das ‘famílias’, no entanto, como as novas mudanças sociais, das lutas das mulheres, dos avanços capitalistas, esta divisão tem sido tensionada, percebe-se corriqueiramente mulheres sendo as responsáveis pela manutenção do lar, pela organização de espaços coletivos e não só de atividades ligadas a religiosidade ou a família, mais sim da própria atividade produtiva. Partindo da afirmação que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86), posicionamos esta categoria como ferramenta de análise, por entender que ela possibilita

compreender que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza, performance, sexualidade são construções históricas que, em diferentes tempos e culturas, foram associados aos homens e/ou às mulheres, produzindo, ainda representações de masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013, p. 31).

Sendo assim, para investigar como e quais os significados atribuídos às práticas corporais da cultura camponesa são considerados/as importantes pelos/pelas camponeses/as organizados/as na formulação/reformulação de sua cultura, é preciso perpassar pelo campo do gênero, descrever como as relações de poder que a diferencia e determina padrões de ser/agir/viver as masculinidades e feminilidades são codificadas e posicionadas de diferentes formas para o ser homem e mulher do campo.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (Louro, 1997, p. 21).

Por esta razão, o conceito de gênero “é importante para perceber os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais, gestando, assim, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos” (GOELLNER, 2013, p.25). Esta inclusão/exclusão envolve não somente as práticas corporais como também se apropriam delas para fortalecer e construir as diferenças, demarcando o que é permissível ou não.

Se estamos cientes de que o gênero é a construção social do sexo, precisamos considerar que aquilo que no corpo indica ser masculino ou feminino, não existe naturalmente. Foi construído assim e por esse motivo não é, desde sempre, a mesma coisa (GOELLNER, 2010, p. 75).

Sendo assim, este estudo se dedica também em compreender como estas mudanças ocorreram ao longo do tempo, que significados eram atribuídos anteriormente em determinada manifestação? Quais são atribuídos hoje? O que mudou? Quais ainda exercem poder? Portanto, ao assumir o posicionamento político do gênero, estamos chamando

atenção para a necessidade de refletirmos e problematizarmos o caráter natural atribuído ao corpo, ao gênero e à sexualidade, pois, em nome dessa natureza, por vezes não identificamos atitudes discriminatórias e, conseqüentemente, de exclusão, inclusive no desenvolver das atividades que buscam educar por intermédio das práticas corporais e esportivas (GOELLNER, 2010, p. 77).

Desta forma, o conceito de gênero apresenta uma importante ferramenta para interpretarmos o contexto das práticas corporais da cultura camponesa no Município de São Miguel das Matas. Ressaltamos que nosso olhar não estará pautado numa visão julgadora e sim interpretativa, buscando compreender as articulações que produziram os determinados posicionamentos dos sujeitos, sejam estes, de igualdade ou de desigualdade entre os gêneros.

Evidenciamos também, que o conceito de gênero ao qual estamos nos associando não se reporta unicamente a construção do ser homem e mulher, ao binarismo que aponta para a existência de um em contrapartida ao outro. É preciso desconstruir essa oposição binária. Segundo Louro (1997, p. 34), um dos benefícios da “desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente”.

“O que importa aqui considerar é que - tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade - as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” – *grifos da autora* (LOURO, 1997, p. 27). Se no campo do gênero é construído diferenças instituindo poder aos homens. No campo da sexualidade, é presente a construção da heterossexualidade como norma padrão, como sendo a única aceitável. Aqueles ou aquelas que se desviam dessa norma, são considerados divergentes, justificados pelas ciências biológicas e médica, como sendo alguém com um transtorno, em resumo, um/a doente. Esta construção tem tido consequências drásticas, como bullying, espancamento e até mesmo assassinatos de homossexuais. Desta forma, comungamos com Louro (1997, p. 24), ao afirmar que “compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias”.

Não pretendemos neste trabalho, fazer um debate mais aprofundado sobre a questão sexualidade, no entanto, não podemos deixar de expor o posicionamento político sobre o mesmo, isto seria uma incompreensão teórica e prática. Até mesmo, não sabemos de fato o que o campo pesquisado nos apontará nesta relação, ademais, já suscitamos qual será nosso olhar caso, as questões de sexualidades sejam aparentes e presentes no contexto pesquisado.

PERCEPÇÕES DO CAMPO APONTADAS NO QUESTIONÁRIO

A análise dos questionários suscitou dados significativos para uma visão geral sobre as associações. Dentre os destaques, sinalizamos para a composição das lideranças, onde das sete que responderam ao questionário, cinco são presididas por mulheres. As mulheres também são maioria

em cinco delas. O que nos confirma os caminhos que anunciava ao construir o projeto pensando na necessidade de um olhar para as questões de gênero, em especial da participação e configuração das mulheres nestes espaços de lideranças como de proposições e intervenções socioeconômicas nas comunidades camponesas de São Miguel das Matas.

Já relacionando a presença de jovens associados/as, considerando jovens aqueles/as que estejam na faixa etária de 18 a 24 anos¹, ficou perceptível tanto pelo questionário quanto pelos relatos das lideranças que há uma grande ausência de jovens nas associações. Das associações questionadas, apenas quatro afirmaram apresentar jovens com um perfil de liderança pela sua participação coletiva.

Com relação à presença das práticas corporais antigamente nas comunidades, o destaque foi dado para atividades festivas, como o Terno de Reis, a quadrilha junina, as festas dançantes que aconteciam nas suas próprias casas, o bumba-meu-boi e o samba de roda. E com relação às brincadeiras, são citados o futebol e as cantigas de roda. No entanto, uma das falas nos inspirou atenção ao designar que as “atividades de hoje ainda são as mesmas, só que com novos incrementos”.

No quesito sobre quando a associação desenvolve atividades corporais, é destacada a presença de esportes como o karatê, atividades aeróbicas para as pessoas da terceira idade, a festa junina comemorada no São Pedro, com a realização da quadrilha junina, além do caruru. Nesta mesma linha de atividades festivas, destaca-se também o arrastão junino realizado em outra comunidade. Aqui, a comunidade se reúne depois todos/as seguem atrás de um carro que vai arrastando uma carroça repleta de comida e bebida, passando de casa em casa. Esta era uma atividade que acontecia anteriormente, mas não com estas mesmas configurações. Portanto, a referida colocação nos indaga a refletir sobre estas reformulações, seus sentidos atuais para a comunidade e os modos que explicam as modificações ocorridas.

Além disso, percebe posições sobre o pouco incentivo esportivo nas comunidades, principalmente relacionado ao futebol, comparando com um tempo passado. Destacam-se também a não existência das festas nas casas das pessoas, bem como o aumento da violência e o uso do

¹ “É a idade de 18 anos que normalmente marca o fechamento do ensino médio e a entrada no mercado de trabalho e/ou na universidade, além de coincidir com a conquista da capacidade civil, criminal, aos direitos políticos passivos, a habilitação de trânsito, etc. Ou seja, a idade de 18 anos no Brasil é um marco bastante considerável no desenvolvimento pessoal, significando mesmo a concepção de assunção plena da diretiva pessoal pelo próprio indivíduo”. Definição dada por Ricardo Henriques Pereira Amorim, disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10545>. Acessado em 02 de jul. 2017.

celular e da internet, sendo configurados como responsáveis por estas mudanças culturais. Desta forma, compreende-se que algumas atividades podem ter deixado de existir como práticas corporais da cultura camponesa, assim, impulsionando a levantar questionamentos sobre os elementos sociais que contribuíram para a ressignificação e, talvez, extinção de tais atividades.

Seis das setes associações, afirmaram desenvolver atividades principalmente festivas, no entanto, isso ocorre de forma esporádica, sem um planejamento, exceto uma associação que afirma ter uma agenda cultural. As outras realizam homenagens em datas comemorativas como dia das mães, dia dos pais, dias das crianças, ou outras com objetivos de angariar fundos (dinheiro) para construções e/ou outras necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos questionário afirmou nosso entendimento na discussão teórico deste estudo, onde apontamos para a relação entre cultura, corpo e gênero no processo de construções/reformulações das práticas corporais da cultura camponesa, Percebemos a existência de mulheres liderando muitas das associações, assim como, exercendo um papel de protagonismo nas ações coletivas da comunidade. E por fim, são apontadas algumas práticas corporais que no perpassar da história foram significadas de outras formas, mas, que não deixou de ser práticas idenitárias das culturas camponesas.

Portanto, este ‘bate papo’ nos suscitou posicionamentos contraditórios aos esquemas estruturantes da sociedade, pautados nas diferenças biológicas assumindo o status de superioridade e poder na organização social, naturalizando as diferenças. Nossa conversa sinalizou para outras configurações e explicações sociais, arroladas na construção das diferenças e nas ciências sociais como fonte de conhecimentos que fundamentam este posicionamento político. Nesta compreensão, corpo, cultura e gênero são construções sociais em determinados tempos históricos, nos quais, as diferenças podem aumentar, diminuir ou/e transformar, numa inter-relação articulada entre os sujeitos e as tecnologias sociais instituídas ou/e utilizadas como forma de justificar as diferenças.

REFERENCIAS

- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (org). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J. e VIGARELLO, G. História do corpo: 1. Da Renascença as Luzes. Tradução de Lúcia M. E. O. 5º ed. Petropolis: Vozes, 2012.

DORNELLES, P. G. **Distintos destinos? A separação de meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de Gênero.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010

_____, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I. e SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs). **Educação física e gênero: desafios educacionais.** Injuí: Unijuí, 2013.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez. 1997.

_____, S. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) **Repre-sentation. Cultural Representations and Signifying Practices.** Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____, G. L. Copo, escola e identidade. **Revista Educação e Realidade.** Porto Alegre, 20(2), p. 59-76, jul./dez. 2000.

PARAISO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E. e PARAISO, M. A. (orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PETERS, M. Pós-estruturalismo e Filosofia da diferença: uma introdução. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte. Autêntica. 2000. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/1672971/michael-peters---pos-estruturalismo-e-filosofia-da-diferenca>> Acessado em 20 de fev. de 2017.

RIOS, D. R. **Mini dicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: DCL, 1999.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade.** 20(2), p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (org). **Identidade e diferença: na perspectiva dos Estudos Culturais.** 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIGARELLO, G. A história e os modelos de corpo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 2 (41), p. 21-29, maio/ago. 2003